

Preparo e Envio do Missionário: Lições da Palavra de Deus

Barbara Helen Burns

RESUMO

Trata da capacitação e prática missionárias, com base em lições aprendidas da Palavra de Deus, e na experiência da autora como missionária e docente no Brasil, durante cerca de 50 anos. Discute os exemplos de Barnabé e Paulo, a partir da narrativa bíblica sobre as ações dos dois apóstolos como missionários, acrescidas de exemplos vividos pela autora. Discorre sobre seis aspectos para caracterizar o preparo e envio de cada um dos dois apóstolos. O primeiro é a experiência individual com Deus, destacando as diferenças identificadas na vida de cada um. O segundo apresenta detalhes de como se deu o chamado missionário para levar o evangelho a outros povos. O terceiro refere-se às questões sobre como cada um foi preparado para o trabalho como missionário, ressaltando o papel da igreja nesse processo. O quarto diz respeito às questões que definem o caráter de Barnabé e de Paulo. O quinto descreve as práticas missionárias desenvolvidas pelos dois apóstolos. Finalmente, a aptidão de cada um para solução de conflitos é apresentada. À guisa de conclusão, destaca a importância da Grande Comissão deixada por Jesus e a conseqüente necessidade de basear o preparo formal (ensino e prática) de missionários na Palavra de Deus.

PALAVRAS-CHAVE: Capacitação e treinamento missionários; Preparo missionário; Envio de missionários; Barnabé e Paulo.

ABSTRACT

This article deals with missionary training and practice, based on lessons learned from the Word of God, and on the author's experience as a missionary and teacher in Brazil for about 50 years. In this concern, it discusses the examples of Barnabas and Paul from the biblical narrative on the activities performed by the two apostles as missionaries, plus examples from the author's practices. It discusses six aspects to characterize both the preparation and sending of the apostles. The first is the individual experience with God and highlights the differences identified in each one's life. The second presents details of how the missionary call was given to bring the gospel to other peoples. The third concerns questions about how each of them was prepared for missionary work, with highlights of the church's role in this process. The fourth comprises the questions that define the character of Barnabas and Paul. The fifth describes the missionary practices developed by the two apostles. Finally, the aptitude of each of them for conflict resolution is presented. By way of conclusion, it highlights the importance of the Great Commission left by Jesus and the consequent need to base the formal preparation (teaching and practice) of missionaries on the Word of God.

KEYWORDS: Missionary capacity building and training.; Missionary preparation; Missionary sending; Barnabas and Paul.

INTRODUÇÃO

O assunto proposto para este artigo é enorme e tem consumido uma boa parte dos meus 50 anos como missionária no Brasil. Quanto creio que o preparo missionário, os princípios que governam o envio ao campo e a vida do próprio missionário devam ser fundamentados na Palavra de Deus, vou apresentar este artigo desta forma – Lições da Palavra para o preparo e envio de missionários.

A primeira pessoa-modelo que vem à minha mente é Barnabé, servo fiel, encorajador, sábio e corajoso, apóstolo junto com Paulo na primeira viagem missionária a partir de Antioquia. O que consistiu o preparo dele? Converteu-se e foi? Ou passaram-se anos antes do dia que a igreja de Antioquia impôs as mãos e o enviou aos gentios? Vamos examinar a sua vida e tirar algumas lições sobre ‘Preparo’.

BARNABÉ – SERVO DISCIPULADOR

6. Experiência com Deus

Encontramos Barnabé pela primeira vez em Atos 4. Ele faz parte daquela primeira igreja de Jerusalém – igreja vibrante, unida no perigo e nos acontecimentos estupefacentes do momento. Jesus foi crucificado diante dos seus olhos, ressuscitou e apareceu pessoalmente para muitos deles. O amor fluía. A graça do Senhor estava sobre eles. Eram unidos de coração! Tinham sido batizados no Espírito Santo numa manifestação milagrosa e transformadora de poder. Centenas de pessoas estavam chegando aos pés do Senhor e à comunhão íntima da igreja. (Ler Atos 4:31-37.)

Tudo isto não era ‘domingueiro’! Era amor prático. Davam o que tinham para os que não dispunham suficientes. Posses e dinheiro não apresentavam importância frente ao gozo, o amor e a gratidão a Deus por tudo.

O autor Lucas destaca Barnabé na descrição das pessoas e acontecimentos em Jerusalém. A sua experiência nesta igreja se torna modelo para o futuro trabalho dele em Antioquia, o ensino para Saulo e sua missão às nações além-mar.

2. *A Chamada Missionária de Barnabé* parece ter se desenvolvido de forma natural. Ele demonstrou desprendimento em Jerusalém. Era um membro fiel e destacado na igreja. Ele manifestou discernimento corajoso em acreditar e apresentar à igreja o perigoso perseguidor Saulo (9:26-30). Depois, quando se precisou de alguém com discernimento, alguém encorajador e simpático, para entender o que se passava em Antioquia, naturalmente este homem fora indicado. Ele seguiu tomando passos de maturidade e responsabilidades mais e mais abrangentes.

Então ao final, o Espírito Santo deixou tudo claro para ele e para a igreja (e também Saulo) que era para Barnabé levar Saulo e visitar outras regiões, aonde o Evangelho não havia chegado (13:1-4).

3. *O preparo de Barnabé* foi extenso. Sua conversão, o ensino diário na “doutrina dos apóstolos” que, com certeza, estavam passando para a igreja “tudo que Jesus ensinou”. Barnabé participou de uma igreja modelo – de alegria, unidade, desprendimento, amor, oração e coragem no meio do perigo. Tinham experimentado a salvação clara com a mensagem que Jesus morreu pelos pecados e ressuscitou dentre os mortos. A grande alegria do Espírito Santo, os milagres e as libertações eram parte da vida cotidiana. O conteúdo do Evangelho, o ensino das Escrituras, a vida e ensino de Jesus era conteúdo essencial claramente passado para os membros da igreja.

Chipre era o lugar de nascimento e provável infância de Barnabé – uma terra gentílica. Ele não era estranho aos costumes dos gentios, à língua grega. Era um homem bicultural.

Barnabé foi crescendo na sua fé e experiência, e numa certa altura foi enviado para Antioquia, onde teve mais que um ano de prática liderando a igreja.

Então, Barnabé era uma pessoa, claramente transformado por Jesus, versado nas Escrituras, experimentado no seio da igreja local e conhecedor de outras culturas. Além disso, ele foi aprovado no seu bom trabalho de evangelismo, ensino e liderança em Antioquia. (Ler Atos 11:19-26.)

4. *O caráter de Barnabé* é descrito nestes textos também. Era um homem bom, alegre com o sucesso de outros, *sábio*, simples, humilde, alguém que manifestava a presença do Espírito Santo na sua vida. Ele ajudava outras pessoas, como os crentes de Antioquia e como Saulo a quem chamou para ajudá-lo no trabalho. É retrato de um homem maduro, altamente amado e respeitado, com muita personalidade. Um homem desprendido de si mesmo! Ele acreditava tanto em Jesus e no Evangelho que nem pensava duas vezes em si mesmo. Ele era um solteiro bem resolvido porque tinha propósito e trabalho muito maior do que satisfazer os seus próprios desejos (1 Co 9:6).

Este era o homem que Deus separou para a primeira viagem missionária transcultural da Igreja.

5. *A capacidade prática e desempenho no ministério* de Barnabé já ficaram evidentes. A igreja de Antioquia prosperou com seu trabalho. Fora escolhido por Deus para missões transculturais e no campo a gente pôde ver uma continuação do ministério já provado. O que ele fazia?

- Ensinava as verdades das Escrituras e o ensino de Jesus. Nos dias de hoje estamos enviando missionários sem conhecimento e consideração da Bíblia. O conteúdo do Evangelho e o discipulado no campo são fracos devido à falta de preparo bíblico/teológico dos missionários. Quando Barnabé chegou a Antioquia, passou o ano “ensinando numerosa multidão”. Os aprendizes, que Lucas chama de “discípulos”, creio com razão, ficaram tão transformados que a população começou a □hama-los de “cristãos” – seguidores de Jesus.
- Em Salamina, continuou a ensinar a Palavra de Deus (13:5).

- Tinha ousadia (13:46s) de declarar que os judeus haviam rejeitado a Palavra, e, portanto, agora estavam saindo para os gentios. Não se dobrou diante da perseguição dos judeus e as mulheres ricas.
- Usava o poder na palavra (14:1s) que levou uma multidão a crer.
- O poder milagroso de Jesus operava por meio de suas mãos. (14:3).
- Exercia sabedoria em entender quando fugir (14:5-6).
- Era humilde, sem aceitar a bajulação e louvor da multidão em Listra (14:14-15). Paulo e Barnabé se jogaram no meio da multidão declarando que eram iguais a eles, não melhores.
- Fazia discipulado (14:21-23), incluindo a plantação de igrejas, formação de liderança, confiança no Espírito Santo.

6. *Como Barnabé resolvia conflitos* é um assunto em pauta. Na rixa que teve com Paulo, é moda dar toda razão para Barnabé, e culpar Paulo pela divisão. A coisa interessante é que Lucas não toma partido, mesmo sendo companheiro de Paulo e não de Barnabé. Ele não julga um culpado e outro não. Evidentemente conhecia-lhes muito bem, positivamente ou negativamente, para poder fazer este julgamento. Há dois momentos de conflito:

- Com Paulo em Antioquia, quando os legalistas chegaram de Jerusalém (Ga 2:13). Não fica claro, mas talvez fosse depois do concílio em Atos 15 onde havia sido decidida a liberdade dos gentios, a não seguir as leis judaicas. Pelo menos ocorreu depois da experiência de Pedro com Cornélio e depois de Barnabé aceitar comer com os gentios. Mas a teoria e prática não funcionaram para Pedro e Barnabé. Eles se separaram dos gentios nesta ocasião, e Paulo chama atenção deles na frente de todos (parece que afetou toda a comunidade e tinha que ser resolvido em público). Talvez mostrasse que Barnabé não tinha muito peito para conflitos, neste momento com os judaizantes de Jerusalém. Ele recuou, quando deveria ter ficado firme como fez em Listra.
- Com Paulo no caso de Marcos, o primo de Barnabé. Neste episódio a briga foi feia! Era luta mesmo, e levou a separação. Desta vez Barnabé não recuou do conflito; sentiu que era muito importante continuar com Marcos ao seu lado.

As duas rixas foram sobre princípios de trabalho. O primeiro princípio era de suma importância – a aplicação do concílio de Jerusalém e a crescente consciência da inclusão dos gentios na salvação de Deus, sem necessidade de se tornar judeu primeiro. A segunda era sobre quem poderia, ou não, integrar a equipe missionária. Poderia aceitar alguém que tinha abandonado o trabalho pela metade? Paulo pensou que não, e Barnabé que deveria ser dado outra chance.

Lucas não declara ganhador e certo um e o outro errado nesta última briga. O fato é que mais tarde Barnabé e Marcos são citados com honra e afeição por Paulo. Primeiro Barnabé é citado como solteiro, alguém que entregou o seu direito de casar e ter a vida normal (1 Co 9:6), e, em Cl 4:10 Paulo escreve: *Saúda-vos Aristarco, prisioneiro comigo, e Marcos, primo de Barnabé (sobre quem recebestes instruções; se ele for ter convosco, acolhei-o).*

Os conflitos foram sobre estratégia e comportamento concreto, algo bem mais fácil de resolver depois. Não havia amargura instalada ou rejeição pessoal. A rixa não foi sobre afrontas pessoais.

Barnabé continuou servindo ao Senhor, reconciliou-se com Paulo, foi abençoado no seu trato com Marcos. Parece que deu muito certo, apesar dos conflitos e pelo menos um tropeço. É um modelo marcante de missionário.

PERGUNTA:

Devemos mandar pessoas menos qualificadas e preparadas para o mundo não alcançado hoje? A igreja tem menos responsabilidade? Barnabé foi preparado em primeiro lugar na sua igreja em Jerusalém e depois com dois anos de experiência prática em Antioquia. Criado em Chipre, era conhecedor de culturas diferentes com alta adaptabilidade e capacidade de falar em termos que outros pudessem compreender. Hoje temos treinamentos específicos para ajudar a igreja melhorar o preparo. Como a vida e a prática dos crentes em Jerusalém eram baseadas no “ensino dos apóstolos”, assim deve ser também a base de hoje. Várias escolas de preparo missionários no Brasil têm recurso para preencher a lacuna da falta de conhecimento cultural em nosso meio mais ou menos mono-cultural. No final do artigo vou apresentar a proposta de um modelo para isso.

Outro exemplo do preparo e envio de um missionário no Novo Testamento é Paulo, o apóstolo aos gentios.

PAULO – APÓSTOLO AOS JUDEUS E GENTIOS

O raio-x do Apóstolo Paulo é mais complexo. Há muito material para fazer até uma ressonância em vez de um simples raio-x! Com certeza este artigo será bem limitado. Felizmente bons livros têm sido escritos sobre a sua vida, e alguns não tão bons também, mas vamos ficar mais perto do relato bíblico do que estes livros.

1. *A experiência de Paulo com Deus* é algo de conhecimento de todos. Ele já sabia com Quem estava se encontrando naquele caminho de Damasco. Talvez o testemunho de Estevão, dos crentes perseguidos, do amor, entrega, do *compromisso* dessas pessoas, com suas vidas alegres e dedicadas, seja a que preço for, com sua mensagem do amor de Deus, da morte e ressurreição de Jesus – tudo foi minando a resolução de Paulo. Quando ele relata ao rei Agripa esta experiência de encontro com o Mestre (Atos 26:14) Jesus disse: “Dura coisa é recalcitrar contra os agulhões”. Paulo tinha sofrido em fazer isto e agora em absoluta submissão, arrependimento e fé ele entrega a sua vida ao Senhor.

A experiência de Paulo com Deus foi algo contínuo. Ele desejava uma coisa acima de tudo: que Cristo fosse manifesto na sua vida como modelo de misericórdia e longanimidade, para que “...ao Rei eterno, imortal, invisível, Deus único, (fosse) honra e glória pelos séculos dos séculos” (1 Tm 1:16-17). Esperava a manifestação de Jesus Cristo, “a qual, em suas épocas determinadas, há de ser revelada pelo bendito e único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, o único que possui imortalidade, que habita em luz inacessível, a quem homem algum jamais viu, nem é capaz de ver. A ele honra e poder eterno” (1 Tm 6:14-16).

2. *A chamada de Paulo* não deixa dúvida, desde o início. Deus envia o temeroso Ananias para visitar Paulo em Damasco. A mensagem é decisiva: “Vai, porque este é para mim um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel; pois eu lhe mostrarei quanto lhe importa sofrer pelo meu nome” (9:15-16). “Então, Ananias foi e, entrando na casa, impôs sobre ele as mãos, dizendo: Saulo, irmão, o Senhor me enviou, a saber, o próprio Jesus que te apareceu no caminho por onde vinhas, para que recuperes a vista e fiques cheio do Espírito Santo” (9:17).

Deus não escondeu o futuro – sofrimento, nem a missão heterogênea e plena – para gentios e judeus. Normalmente seria um golpe enorme – gentios?? Sofrimento poderia aceitar, mas gentios?

Foi para Tarso por alguns anos. Daí Barnabé o chamou para ajudar em Antioquia, uma igreja de *gentios*. Talvez em Tarso plantou sementes, mas não temos registro de um grupo de crentes lá quando chegaram da 2ª viagem missionária. Nem menciona ter passado em Tarso, mesmo sendo a rota pela Cilícia (Atos 15:41). Talvez ele tivesse que aprender mesmo sobre Igreja em Antioquia com Barnabé, antes de prosseguir na missão de plantar igrejas aonde andava.

Com Barnabé em Antioquia, com certeza cresceu no seu conhecimento e capacidade prática do ensino da Palavra e plantação de uma igreja nova, crescente e multicultural.

A partir daí Deus o chamou para o mundo, esta vez com todo conhecimento e respaldo da igreja local (que não tinha em Jerusalém conforme Atos 9:26-30 e Gl 1:18-19). Em Atos 13:1-14 ele é plenamente reconhecido, chamado e enviado pelo Espírito Santo através da igreja. Em 1º Timóteo 2:7 disse: “para isto fui designado pregador e apóstolo (afirmo a verdade, não minto), mestre dos gentios na fé e na verdade”. Era apóstolo de Jesus, não por vontade própria (Gl 1:1). Foi “constituído ministro conforme o dom da graça de Deus a mim concedida segundo a força operante do seu poder. A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo (Ef. 3:1-8).

Apesar de toda esta história, o próprio Paulo reconhece que Deus o chamou antes do nascimento dele: “Quando, porém, ao que me separou antes de eu nascer e me chamou pela sua graça, aprove revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse entre os gentios, sem detença, . . .” (Gl 1:15-16). Também relata esta chamada com Timóteo, “antes dos tempos eternos” “[...] para o qual eu fui designado pregador, apóstolo e mestre” (2 Tm 1:9-11).

3. *O preparo de Paulo* era semelhante ao de Barnabé: desenvolvimento de caráter, conhecimento bíblico e cultural e experiência prática.

Paulo nasceu em Tarso, uma cidade conhecida pela erudição, filosofia, retórica, esportes e prosperidade. Era destacada no império romano como um centro cultural e transcultural. Paulo era um menino judeu precoce, jovem erudito, que ganhou o privilégio de estudar com Gamaliel em Jerusalém. Tornou-se um fariseu zeloso (para não dizer fanático) e reconhecido do Sinédrio (ou membro).

Após a salvação, uma experiência clara, transformadora e concreta, Paulo foi para o deserto por três anos (Gl 1:17-19) onde aprendeu tanto com o Senhor, que conferiu certinho com os apóstolos em Jerusalém. Foi para Tarso por talvez até 10 anos e depois passou um ano com Barnabé em Antioquia. Em todo este tempo aprendeu a essência do Evangelho (por isso podia explicá-lo sucinta e claramente), a verdade das Escrituras do Antigo Testamento em relação à vida de Jesus e o surgimento da Igreja, cultura gentílica, prática ministerial – um discipulado formal e informal completo.

4. *O caráter de Paulo* é o que está em discussão em nossos dias. Esta discussão reflete em parte o desconstrutivismo e o relativismo da pós-modernidade, mas também é resultado de uma leitura superficial do texto. Um exemplo extremo seria o livro de Krister Stendahl, *Final Account* (Fortress Press, 1995). Para este autor Paulo era um homem neurótico, epilético e super-arrogante. Claro que o autor não aceita a posição evangélica da inspiração e autenticidade das Escrituras, mas infelizmente autores assim têm a tendência de influenciar até os fiéis.

Mas como era Paulo mesmo? O que a Bíblia diz? Qual é a ressonância dele?

Já sabemos que Paulo tinha uma *personalidade muito forte*. Era zeloso, fazia tudo de todo coração e esforço, tanto como fariseu quanto missionário do Senhor. A auto-descrição antes de ser cristão, em 1 Timóteo 1:13 era de blasfemo, perseguidor e insolente. Mas obteve misericórdia, “pois o fiz na ignorância, na incredulidade”. Era o principal pecador (1 Tm 1:15).

Como cristão, Paulo “lutava” em oração e pela fé (Cl 2:1 e Fp 1:27), “corria” na vida cristã (1 Co 9:26), “morreu” para o velho homem (Gl 2:20), “rogava” ao Senhor pelas igrejas, pregava e ensinava “dia e noite” e “com lágrimas” (Atos 20:18, 31) e chamava os heréticos de “cães”. Não era apenas um obreiro, mas um “escravo” do Senhor, “garçom” da igreja. “Regozijava-se” nas tribulações e prisões. A sua mente e vida estavam voltadas para Deus (Fp 4:8-9) e considerava os sucessos, títulos e posições deste mundo como “refugio” e “perda” (Fp 3:8). Era identificado com Cristo e na Sua cruz (Gl 2:20). Ele não considerava a “vida preciosa” para ele mesmo (Atos 20:24).

Apesar de seu chamado, conhecimento, zelo, e trabalho árduo, Paulo tinha muito *amor e humildade*. Fica claro nos escritos e na vida dele. Os crentes têm que conhecer o enorme amor de Cristo, que vai levá-los a toda plenitude de Deus (Ef. 3:14-21). Quando alguém encontra com Deus em Cristo, “o amor de Deus é derramado nos seus corações” (Rm 5:1-11). O segredo supremo da unidade e do testemunho da Igreja está na humildade, na maneira de “andar de modo digno do Senhor” (Ef 4:1-3).

Todo ensino de Paulo sobre amor e humildade não teria sentido nenhum se ele não fosse uma pessoa assim. Humildade não é ser apagado, pacato. É de verdade importar-se com o outro em primeiro lugar, algo que sempre fez – primeiro o Senhor e depois as pessoas. Sofria muito porque os judeus não aceitavam a mensagem de salvação (Rm 9:1-6), sofria com as heresias que assolavam as igrejas, sofria com o fato de que os efésios estavam preocupados com ele na prisão (3:13). Chamou-se de “garçom” em relação ao seu ministério (Ef 3:1-13, etc.). Quando despediu dos presbíteros em Atos 20, eles choraram, o abraçaram e beijaram. Ficaram muito tristes com a palavra de que nunca mais iriam encontrar com ele.

Podemos ver o seu amor e humildade também nos relacionamentos com a equipe – Timóteo, Epafrodito, Tito. A tristeza quando Epafrodito adoeceu, o espírito de colegialidade com Tíquico, ao enviá-lo a Éfeso: “E, para que saibais também a meu respeito e o que faço, de tudo vos informará Tíquico, o irmão amado e fiel ministro do Senhor” (Ef 6:21). Tratou Timóteo como filho, com muito carinho e preocupação com os detalhes da sua vida.

Podíamos pensar que Paulo era um homem muito sério, solene. Mas parece que ele tinha uma *alegria* que fluía por dentro dele, resultado da profunda comunhão com o Senhor. Exortou aos efésios a não ficarem tristes com sua prisão, aos filipenses de sempre alegrarem-se no Senhor, apesar da pobreza e perseguição (Fp 3:1 e 4:10), e os colossenses de serem “fortalecidos com todo o poder, segundo a força da sua glória, em toda a perseverança e longanimidade; com alegria, dando graças ao Pai...” (Cl 1:11-12).

Paulo era um homem de *oração e cheio do poder de Deus*. Ele sabia que sozinho nada podia fazer. Pediu oração da igreja em Éfeso, sempre orava em favor dos seus discípulos, conectou oração com a armadura de Deus para resistir às ciladas do inimigo (Ef 6:10-18). Desde o início da sua conversão, ficou cheio do Espírito Santo pela imposição de mãos de Ananias (Atos 9:17) e exortava outros de sempre “estar se enchendo do Espírito” (Ef 5:18). Ele fazia “milagres extraordinários” (At 19:11) e Deus manifestou Seu poder através da vida dele por onde andava.

5. *A prática missionária* já ficou clara em parte, pois era inseparável do chamado, preparo e caráter de Paulo. Talvez possamos fazer um resumo das principais estratégias missionárias de Paulo:

- Evangelização constante e contextualizada. Tanto na praça, nas casas ou na sinagoga como no areópago, Paulo comunicava o Evangelho de Jesus e a necessidade de arrependimento e fé para salvação.
- Discipulado profundo. Ensinava as Escrituras constantemente através das oportunidades na sinagoga, na escola de Tirano, de casa em casa, na prisão. Esperava obediência como resultado, para a glória de Deus, e a edificação e crescimento em maturidade da igreja.
- Oração específica. Ele não mandava generalizações a jato para Deus. “Deus abençoe os efésios.” Ele sabia das necessidades, conhecia a vontade de Deus para suas vidas, e as colocava diante de Deus. Era um fator indispensável que permeava a vida e ministério dele.
- Plantio de igrejas. Não era individualista. Ele compreendia a importância do corpo de Cristo, a missão de cada igreja de funcionar nas suas comunidades para a continuação da missão de Deus na terra.
- Formação de líderes e missionários. Paulo não ficou no controle – deixava líderes formados e escolhidos, e no processo treinou uma nova leva de missionários transculturais, como Timóteo e Tito. O relacionamento com as igrejas e líderes continuava depois da saída, pois ele visitava de novo as igrejas e mandava-lhes cartas e mensageiros para a troca de notícias e instruções. Paulo era um ‘pai-não-paternalista’!
- O trabalho era feito com “esmera”. “Ora, é para esse fim que labutamos e nos esforçamos sobremodo” (1 Tm 4:10) para que a Palavra digna e fiel fosse ensinada. Atos 20:17-38 é um retrato que o próprio Paulo traça do seu trabalho.

6. Podemos aprender como *resolver conflitos* com Paulo. Era convicto e coerente na sua aplicação da fé. Vimos isto quando Pedro e Barnabé chegaram a Antioquia. Paulo deixou claro a sua reação, chamando a atenção dos dois em público (pois foi um assunto que atingiu toda a igreja e tinha que ser esclarecido diante da igreja). Pedro já tinha recebido a visão sobre comida e ido para Cornélio, já tinha defendido a sua posição diante dos outros apóstolos em Jerusalém. Se este acontecimento foi depois de Atos 15, ele também tinha defendido a posição quanto aos gentios de Paulo e Barnabé diante da igreja toda de Jerusalém em Atos 15. Mas diante dos legalistas recuou (Gl 2:11-21), uma falha séria. Diante disto Paulo não recuou.

Quanto à disputa forte com Barnabé sobre Marcos, a separação era a solução. Creio que temos que notar nesta situação que a separação não foi permanente, ou uma rejeição mútua de pessoa, mas de trabalho e estratégia. Paulo reconhece a realidade de conflitos difíceis assim e em Filipenses 4:2-3 pede que a igreja ajude as duas missionárias colegas de Paulo a resolver o seu problema. A igreja tem um papel importante na resolução de conflitos.

Em “Efésios 4:2-3 Paulo também demonstra que é realista em relação aos problemas entre irmãos: “[...] com toda humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz”. Unidade exige humildade, mansidão e longanimidade e muita diligência! Não é coisa fácil!

Não é fácil, mas é de suprema importância. O livro de Efésios é sobre isto, a importância da unidade no corpo de Cristo. Paulo ajuda os crentes resolver divisões culturais e étnicas ensinando sobre a escolha de todos, o amor de Deus para todos, a salvação em Cristo é para todos, o poder de Deus é para todos, todos estão sentados junto com Ele nos lugares celestiais, todos são para Sua glória aqui na terra e nos lugares celestiais. Na igreja não há estrangeiros e forasteiros, mas todos pertencem à comunidade de Deus e têm igual acesso a Ele. Somos um novo homem, um edifício que cresce e uma família. A luta aqui não é na verdade contra outras pessoas (carne e sangue), mas é contra o inimigo que lança divisões e brigas à toa!

Filipenses 2:1-10 é clássico na chamada para a unidade, amor mútuo, humildade em considerar o outro superior e o projeto do outro melhor. Jesus é o supremo exemplo disto e devemos segui-lo.

Romanos trata de conflitos no capítulo 14. Devemos respeitar os que têm ideias diferentes sobre coisas superficiais como comida, bebida e dias. “O reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo (17) (...) Assim, pois, seguimos as coisas da paz e também as da edificação de uns para com os outros” (19). Quanto a problemas sérios, como falsos mestres, o segredo é vigiar (Atos 20:29-31).

Em 1 Coríntios 8-10 Paulo descreve como entregar os direitos em amor ao outro. Ele e Barnabé são exemplos e em 9:19-24 é um texto chave para entender a entrega total dos desejos próprios, direitos e cultura para melhor servir ao Senhor e os outros. Em 1 Coríntios 13 disse que é o amor o supremo dom, amor que é “paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal, não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor não acaba.

Creio que Paulo descobriu um segredo para evitar conflitos (mais fácil do que resolvê-los). Em 2 Coríntios 4:3-5:

“Todavia, a mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós ou por tribunal humano; nem eu tampouco julgo a mim mesmo. Porque de nada me argui a consciência; contudo nem por isso me dou por justificado, pois quem me julga é o Senhor. Portanto, nada julgueis antes do tempo, até que venha o Senhor, o qual não somente trará a plena luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações; e, então, cada um receberá o seu louvor da parte de Deus.

Na minha experiência os problemas ruins mesmo, quase impossíveis de solução, acontecem quando são julgados motivos. Paulo nem se encontra com a possibilidade de compreender seus próprios motivos, muito menos os dos outros. É melhor não julgar neste nível.

Quando o problema é grave, em termos de pecado, a solução que seguiram foi como Jesus ensinou em Mateus 18:15-22, de confrontar pessoalmente o irmão em questão. Se não resolver, leve mais dois ou três. Se não ceder, apresentar o problema diante da igreja. Se não ouvir a igreja, exclua da comunhão da igreja, tratando-o como “publicano ou gentio”. Mas se é uma

questão pessoal (penso eu), devemos perdoar infinitamente. No entanto há raros casos que se tem que ‘entregar os pontos’. Em 1 Timóteo 1:18-20 ele relata que Himeneu e Alexandre tinham naufragados na fé, rejeitando a boa conduta e consciência e tornando-se blasfemos. Ele entregou-os “a Satanás, para serem castigados, e fim de não mais blasfemarem”. Importante que Paulo nomeava os problemáticos, para que as igrejas pudessem ser prevenidas contra eles (ex. 2 Tm 3:8)

Se Paulo fosse um homem chato, arrogante ou briguento à toa, deveríamos jogar pela janela tudo que ele escreveu sobre o assunto, e não acreditar muito nos relatos de Lucas sobre ele, ou suas próprias cartas descrevendo o relacionamento com seus discípulos. Quando a pessoa estava envergonhando o nome do Senhor, era caso de briga, separação e chamar atenção. Para coisas pessoais, deixa de lado e tentar resolver, quando é a maioria, amor, unidade, graça e afeição.

Podíamos falar também de Timóteo, preparado profundamente na Palavra, conhecedor das culturas judaicas e gregas, e aprovado e indicado pela igreja de Listra. Há muitos outros importantes servos missionários que vale a pena pesquisar suas trajetórias.

PROPOSTA PARA HOJE

Mateus 28:18-20 nos manda *fazer discípulos* de todas as nações. Por isso devemos passar a necessidade de conhecer e obedecer a tudo que Jesus ensinou. Infelizmente, frequentemente enviamos pessoas que não conhecem, nem guardam o que Jesus ensinou. Não conhecem a “doutrina dos apóstolos” que ensinavam isso. Somos mais pragmáticos do que fiéis à Palavra no nosso trabalho missionário, uma característica tanto da minha cultura como a dos brasileiros. O que seria uma solução para pelo menos amenizar este problema?

BASEAR TODO ENSINO E PRÁTICA NA PALAVRA DENTRO DO PREPARO FORMAL DE MISSIONÁRIOS EM NOSSAS ESCOLAS.

Tentamos fazer isso na Juvep e eu tento fazer nas aulas, começando com estudos específicos de conceitos missionários existentes em Efésios, Romanos e Filipenses. Estudamos texto por texto, usando boa hermenêutica e aplicações relevantes a questões missionárias.

Nas outras matérias como Antropologia ou Contextualização, começo cada aula com textos relevantes ao assunto do dia, fazendo com que os alunos, em discussão aberta, enxerguem o que está presente.

Temos procurado fazer isso nos nossos seminários também, encorajando os professores a tirar lições e aplicações missionárias das suas matérias, que certamente existem em cada uma. Exige treinamento e despertamento dos professores e uma mudança de eixo do seminário.

É importante em tudo ter oportunidades de criar soluções para casos específicos teóricos e práticos, empreender ministérios de evangelismo e ensino, de trabalhar em equipes, de liderar e ser liderado, e de experimentar diferentes faixas da sociedade com suas necessidades e desafios.

Depois de 40 anos dando aulas assim, posso assegurar que o interesse e envolvimento do aluno são maiores. Ele participa do seu próprio aprendizado junto com os colegas e professor. Todos são aprendizes. A esperança é que ele levará este mesmo modelo para o campo

missionário, que sem arrogância ou etnocentrismo procure soluções e estratégias que serão coerentes com os princípios e ensino da Bíblia e relevantes ao contexto.

Que o Senhor nos ajude a enviar pessoas qualificadas para os povos não alcançados, que esperam conhecer o Evangelho e serem discipulados na Palavra de Deus.